Articulando

Veneno para matar pulgas

Sir Edwin Henry Landseer (1802-1873)

Quando criança, eu vivia infernizando meu pai para que ele deixasse arrumar um cachorro, pois quase todos os meus amigos tinham cachorros. Aconteceu que antes do meu nascimento, eles tiveram um cachorro chamado Milongo, que segundo o que contavam, era um cão da raça conhecida como Lulu, o qual diziam ser uma raça de cães muito inteligente e que aprendia a fazer muitas brincadeiras.

O Milongo não era diferente, ele realmente era esperto e causava inveja nos vizinhos, tanto que um dia, inventaram que ele estava hidrófobo e precisava ser sacrificado. Meu pai contestou que ele estivesse doente, e mesmo assim, o amarrou, para não correr riscos. Só que o cão, desacostumado em se ver amarrado, começou a uivar, fato que fez a desconfiança dos invejosos aumentar, daí não teve jeito, o Milongo foi sacrificado. Tal fato causou comoção na família, tanto que meu pai jurou que nunca mais teríamos um cachorro. Tivemos vários gatos, mas cachorros, de jeito nenhum.

Um dia, eu e meu falecido amigo Toninho Coleto, encontramos um cachorrinho abandonado e o levamos até a casa dele, e seríamos sócios no animal. Só que Dona Lili, mãe do Toninho, olhando para o nosso cachorro, viu tratar-se de uma cadelinha e como naquele tempo as cachorrinhas eram enjeitadas, porque traziam mais cachorros ao mundo, ela nos mandou soltarmos onde a tínhamos encontrado.

Eu escrevi tudo isto, sobre cachorros, só para que os leitores atuais possam saber como era a vida dos cachorros antigamente. No passado, a cachorrada precisava mostrar serviço para ficarem numa casa: ou eram guardas, ou então caçadores, se não mostrassem serviço, eram logo descartados. E mesmo trabalhando, não tinham vida fácil, pois a alimentação deles eram as sobras das refeições dos donos. Rações e outros alimentos que a cachorrada come na atualidade, eram completamente desconhecidos. E se alguém resolvia dar banho no seu cachorro, porque estava mal cheiroso, o colocava no tanque de lavar roupas e metia água com sabão no bicho.

Hoje, os cachorros usam sabonetes especiais, shampoos perfumados, são tratados como dondocas. E por viverem livres, convivendo com outros cachorros, a bicharada do passado vivia cheia de bernes, carrapatos e tantas pulgas, que eram chamados de pulguentos. E como o pessoal acabava com estas pragas que infestavam a cachorrada? Não seria nem necessário escrever que, se no lugar existia veterinário, este servia para cuidar de cavalos, bois e vacas, os cachorros que se virassem. Se tivessem dor de barriga, comiam grama, que os fazia expelir o que tinham no estômago. Se tivessem infestados de carrapatos, o dono tratava de arrancar os insetos. E se estivessem pulguentos, logo era aplicado B. H. C., um veneno usado na lavoura cafeeira para combater a broca, ou então, eram pulverizados com Neocide, produto também venenoso.

Atualmente, estas práticas estão proibidas e já inventaram produtos químicos especiais para acabar com as pulgas que podem aparecer nos "pets" – este é o nome atual dos bichos de estimação. Foi por isto, que a Dona Lili, vendo que seu cachorro estava cheio de pulgas, foi até o Pet Shop do Camarão, comprar um destes remédios contra as pulgas. Ali, foi atendida pelo prestativo atendente Leonardo, o qual lhe mostrou o produto e lhe passou o preço. "Custa R$110,00 reais", disse Leonardo. "Olo co! Que caro!", respondeu a freguesa. "Não vou comprar coisa nenhuma, é mais barato dar o cachorro pro vizinho e ele que se vire com as pulgas."

Crônicas do Dia a Dia

Gilda Garosa

Amo meus filhos!

Ah, como mãe sofre! Mãe é sempre a culpada de tudo, não é mesmo? Se o filho não encontra aquela camiseta, mesmo tendo 50 camisetas no armário, ele só quer aquela, é culpa da mãe! Se perde a hora, é a mãe! Se a namorada briga, é a mãe! Se está sem dinheiro, é a mãe! Já não chega a culpa que muitas mães sentem mesmo, aí é reforçado pela atitude de muitos filhos que culpam suas mães por suas próprias irresponsabilidades, insatisfações, descuidos, incapacidades ou infelicidades.

Mãe, é daquelas pessoas que não pode errar, se deixa acabar a gasolina do carro algum dia, vai ouvir uma semana, se esqueceu um horário marcado também, afinal, mãe não erra. Se deixar um carro fundir porque esqueceu de trocar o óleo, dessas coisas que nós mulheres achamos que o homem da casa vai fazer, você vai ouvir um mês inteiro e, sempre será motivo para voltar ao assunto. Isso aconteceu comigo. Enquanto meu marido era vivo, eu achava que ele é quem cuidava das coisas do carro e, um dia, fundi o motor do carro. Mãe é o saco de pancadas. Já não basta as dores do parto, as noites acordadas, as tentativas de sempre fazer tudo por um filho(a), mesmo quando não pode, ela continua sendo a culpada. Quando é que uma mãe deixa de ser culpada?

Quando os filhos estão amadurecidos, cresceram, é como se um véu fosse retirado de seus olhos. A vida começa ser encarada com clareza e compreensão. Pronto, ele está se tornando um adulto e começa a entender que mãe é um ser como outros, que chora, ri, ama, sofre, é falível ainda que seja sua mãe e que tem um amor infinito pelos filhos.

Para a mãe, um filho é sempre um filho, daqueles que ela quer cuidar um pouco, abraçar um pouco, beijar um pouco e como ele já é um ser independente, deixa ir para o mundão. O filho pode ter 50 anos e a mãe fala: "Cuidado! Pega o casaco, porque vai esfriar! Não dirija se beber! Passa um protetor solar", entre muitas outras variações dos cuidados de mãe que cada uma tem a sua fala.

Enquanto a culpada é a mãe, é porque você não virou gente grande. Pode até ser um exercício! Quando culpar sua mãe se pergunte sinceramente se sua mãe é mesmo culpada de algo. Se ela for culpada apenas por te superproteger, agradeça, pois ela te ama. Esse amor incondicional que a grande maioria das mães sentem é um privilégio. Amo meus filhos!

Divas no Divã

A Pequena Sereia no Divã, ilustração Henrique Vieira Filho

Nesta semana, a réplica serrana da Fontana di Trevi completa um ano e, como bem pontuou Oscar Wilde: "Só existe uma coisa pior do que falarem da gente. É não falarem!"

Sempre lotada de turistas e rendendo boas discussões, recentemente os grupos de internet amaram e também polemizaram as belíssimas imagens de sereias que posaram à beira da fonte. Elas vieram para a inauguração da Residência Artística e fizeram questão de divulgar a cidade.

Meu contato com este imenso cardume (são mais de 50 mil no Brasil) se deu tanto pelas minhas pinturas, quanto por ser psicanalista e foi nesse tom que participei de um documentário sobre o tema, sintetizando tanto uma possível interpretação freudiana, quanto junguiana.

Me entrevistaram sobre como perceber se a adesão a estas curiosas culturas está sendo saudável ou não. Daí, surgem alguns tópicos que são válidos para muitas situações.

A pessoa se sente feliz?

Ela necessita de cada vez mais tempo dedicado a esta prática para se sentir bem e, na impossibilidade de vivenciar, apresenta ansiedade, irritabilidade, insônia e desconforto?

Está negligenciando as demais atividades sociais, profissionais ou de lazer na sua dedicação à causa?

Em suma, alguns questionamentos (e não "julgamentos") convencionais que seriam aplicados em qualquer situação de comportamento, para detectarmos até que ponto é (ou não) uma "fuga" de algo, e como podemos integrar esta faceta da personalidade. Ao contrário do que muitos possam imaginar, todas as sereias que conheci são pessoas absolutamente produtivas na sociedade. Estudam, trabalham, cuidam de suas famílias e, seja por lazer, seja profissionalmente, vestem suas caudas e se aventuram pelas águas. As que conheço são engenheiras, biólogas, atrizes, cantoras, mães e ferrenhas defensoras da natureza!

Aliás, várias delas voltam a Serra Negra no dia 18/05 para encantar a todos na praça central, com música, dança e lembrar da importância da preservação de nossas nascentes!

Divas no Divã

A Pequena Sereia no Divã |Ilustração: Henrique Vieira Filho

Nesta semana, a réplica serrana da Fontana di Trevi completa um ano e, como bem pontuou Oscar Wilde: "Só existe uma coisa pior do que falarem da gente. É não falarem!".

Sempre lotada de turistas e rendendo boas discussões, recentemente os grupos de internet amaram e também polemizaram as belíssimas imagens de sereias que posaram à beira da fonte. Elas vieram para a inauguração da Residência Artística e fizeram questão de divulgar a cidade.

Meu contato com este imenso cardume (são mais de 50 mil no Brasil) se deu tanto pelas minhas pinturas, quanto por ser psicanalista e foi nesse tom que participei de um documentário sobre o tema, sintetizando tanto uma possível interpretação freudiana, quanto junguiana.

Me entrevistaram sobre como perceber se a adesão a estas curiosas culturas está sendo saudável ou não. Daí, sugeri alguns tópicos que são válidos para muitas situações:

A pessoa se sente feliz?

Ela necessita de cada vez mais tempo dedicado a esta prática para se sentir bem e, na impossibilidade de vivenciar, apresenta ansiedade, irritabilidade, insônia e desconforto?

Está negligenciando as demais atividades sociais, profissionais ou de lazer na sua dedicação à causa?

Em suma, alguns questionamentos (e não "julgamentos") convencionais que seriam aplicados em qualquer situação de comportamento, para detectarmos até que ponto é (ou não) uma "fuga" de algo, e como podemos integrar esta faceta da personalidade. Ao contrário do que muitos possam imaginar, todas as sereias que conheci são pessoas absolutamente produtivas na sociedade. Estudam, trabalham, cuidam de suas famílias e, seja por lazer, seja profissionalmente, vestem suas caudas e se aventuram pelas águas. As que conheço são engenheiras, biólogas, atrizes, cantoras, mães e ferrenhas defensoras da natureza!

Aliás, várias delas voltam a Serra Negra no dia 18/05, para encantar a todos na praça central, com música dança e lembrar da importância da preservação de nossas nascentes!